

Peso da Dívida

JORNAL DO BRASIL

A dívida interna brasileira voltou à evidência neste fim de semana com a decisão do Banco Central de alongar seu perfil, lançando obrigações do Tesouro em circulação e reduzindo o papel das Letras do próprio Banco. É preciso entender em toda a sua extensão o que está se passando com o sistema financeiro e não perder de vista a questão central, o verdadeiro miolo do problema, que é o déficit público.

O Governo lança os seus títulos no mercado para levantar empréstimos com os quais cobre suas necessidades de financiamento. Quanto maior o déficit público, e quanto maior a incapacidade do Governo para levantar novos recursos através do aumento de impostos ou de emissões de papel-moeda, maiores serão os empréstimos internos.

A dívida interna se acelerou nos últimos anos diante da incapacidade da administração pública para reduzir seus gastos, promovendo simultaneamente uma eficaz reforma tributária e disciplinando os orçamentos das empresas estatais. Em 1987 a dívida interna cresceu, em valores nominais, nada menos que 531%. O crescimento real da dívida, descontada a inflação, foi de 35,51%, segundo dados oficiais.

Com esse crescimento real, o setor público invadiu todos os segmentos da poupança popular, carreando cada vez mais dinheiro para seus cofres. A União, os Estados, os Municípios e as empresas públicas juntaram-se em uma banda de música de gastos descontrolados, que literalmente quase secaram as fontes de financiamento para atividades produtivas.

O que aconteceu não é obra de uma única administração, mas da rolagem de um mesmo problema, ao longo de sucessivos ministérios e administrações do Banco Central. Foi-se empurrando o problema com a barriga, para testar os limites de endividamento interno.

Quanto, na verdade, pode o Governo dever ao público? Hoje, o Governo já não tem margem para aumentar o endividamento, porque concentra em suas mãos cerca de 80% da poupança financeira disponível. Em termos simples, tornou-se virtualmente impossível aumentar a dívida, e ficou transparente que o problema

não é o endividamento financeiro em si, mas o descontrole dos gastos estatais, a desarrumação da ordem econômica, o desajuste dos preços relativos provocado pelo Plano Cruzado e uma série de outras medidas de caráter meramente populista, como o congelamento de preços, as quais se refletiram desastrosamente nas contas nacionais.

Em recente pronunciamento, lideranças empresariais chamaram a atenção para a incômoda situação em que o sistema financeiro foi lançado, voltando-se, todo ele, para financiar o déficit público. O sistema financeiro brasileiro não quer ser parte apenas do problema, mas participar ativamente das soluções. O que tem ocorrido seguidamente é uma tentativa de transferência de responsabilidades, com o Governo acusando a máquina financeira de elevar as taxas de juros, quando, na verdade, o que inflaciona o país é o déficit público e o que pressiona o mercado de capitais é a demanda pantagruélica de dinheiro para tapar os rombos e desequilíbrio nas contas da União.

É bom lembrar que a dívida pública tem uma alta dose de responsabilidade dos Estados que deixaram de honrar seus compromissos, e uma herança que vai longe, nos rombos dos bancos estaduais, quebrados por governos passados, como o Banerj, e jogados nos braços do Banco Central como uma espécie de purgatório enquanto não aparecem os santos que queiram herdá-los.

A dívida pública, ao ser remanejada em sua administração pelo Banco Central, para alongar o perfil dos títulos que a integram, dá um passo importante à frente. A diretoria da dívida pública está na direção certa ao descolar títulos que podem ter um papel mais ativo para a política monetária de outros papéis, que passaram a sinalizar a taxa de correção monetária, impedindo que se abrisse espaço para títulos privados com diferenciais de juros.

Apesar da correção dessas medidas, nada terá profundidade se o miolo crítico não for atacado. E isso passa por um controle de gastos reiteradamente proposto pelo ministro da Fazenda, sem que o ambiente político tenha vindo com a firmeza necessária em seu apoio.